

# O CORPO NO ESPAÇO TERAPÊUTICO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Elisangela dos Reis

**RESUMO:** A Psicologia Analítica contempla na sua teoria corpo e psique como unidades interdependentes e relacionais. Entretanto a prática psicoterapêutica é comumente pensada em uma atuação centrada na comunicação verbal. A partir dessa reflexão busca-se nesse artigo compreender as possibilidades de inclusão do corpo no exercício da Psicologia Analítica através da fundamentação teórica das obras de Carl Gustav Jung, juntamente a outras obras contemporâneas que discutem a questão do corpo. Como conclusão, observa-se que as possibilidades de inclusão do corpo na clínica são múltiplas: trabalhos em nível simbólico, expressivo ou mobilização de material inconsciente. Não há uma fórmula fechada. O trabalho somático é singular a cada pessoa e a cada momento, sendo os indicativos deixados por Nise da Silveira importantes subsídios para pensar no ambiente necessário a fim de desenvolver um trabalho expressivo do corpo na abordagem analítica.

**ABSTRACT:** Analytical Psychology considers body and psyche as interdependent and relational units in its theory. However, psychotherapeutic practice is commonly thought of as centered on verbal communication. Based on this reflection, this article seeks to understand the possibilities of including the body in the practice of Analytical Psychology through the theoretical foundation of Carl Gustav Jung's works, together with other contemporary works that discuss the issue of the body. The conclusion is that there are many possibilities for including the body in the clinic: work on a symbolic, expressive level or mobilization of unconscious material. There is no closed formula, somatic work is unique to each person and each moment. The indications left by Nise da Silveira are important for thinking about the environment needed to develop expressive work with the body in the analytical approach.

## 1. O corpo na teoria da Psicologia Analítica

A prática psicoterapêutica é comumente pensada em uma atuação centrada na comunicação verbal. No que tange à discussão sobre o lugar do corpo, este assume muitas vezes lugar secundário e sem legitimidade. A abordagem analítica, ao compreender psique e corpo como uma unidade, abre espaço para ampliação da atuação no espaço terapêutico que inclua o corpo. Mas como especificamente o corpo pode ser incluído no exercício da Psicologia Analítica? Busca-se neste artigo responder esse questionamento através da fundamentação teórica das obras de Carl Gustav Jung, juntamente a outras obras contemporâneas que discutem a questão do corpo.

A Psicologia Analítica, desenvolvida pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, compreende a natureza humana de forma ampla, reconhecendo a existência de uma psique que abrange tanto aspectos conscientes quanto inconscientes, buscando estabelecer um

diálogo entre essas dimensões. Essa perspectiva considera que o inconsciente tem influência significativa sobre o comportamento e a experiência individual, tornando-se essencial explorar e integrar esses aspectos para alcançar um maior equilíbrio psicológico, entendimento pessoal e caminhar rumo à individuação. A psique é uma totalidade complexa e dinâmica composta por diferentes partes e processos não apenas racionais e conscientes da mente, mas também por conteúdos inconscientes, como os complexos, arquétipos, sombras.

Quanto a relação com o corpo, Jung (2000) coloca que psique e corpo são partes interdependentes que constituem uma unidade indivisível. O corpo torna a vida possível. Entretanto, mesmo sendo um sistema material verdadeiramente pronto para a vida, não vive sem um princípio vital.

O corpo é uma realidade visível e palpável, que corresponde mais à nossa capacidade de expressão. Por isto podemos facilmente admitir que o corpo é um sistema fechado em si, constituído de unidades materiais e adaptado às finalidades da vida e, como tal, é um fenômeno da entidade vital captada pelos nossos sentidos. Ou, dito em termos mais simples, é um arranjo adequado da matéria que torna possível a existência de um ser vivo (JUNG, 2000, p. 128, §605).

Tanto a visão de unidade quanto a relação psique-corpo estão presentes em diversos momentos de sua obra. A Teoria dos Complexos, por exemplo, é desenvolvida a partir do estudo das alterações fisiológicas observadas durante a aplicação do teste de associação de palavras, referindo-se a um aglomerado de ideias/memórias unidas por uma elevada carga afetiva, incompatíveis com a atitude habitual da consciência, estando intimamente arraigados nas experiências somáticas pessoais.

O complexo pode se expressar mais significativamente através de sintomas somáticos ou psíquicos, podendo também apresentar as duas formas de expressão simultaneamente. As expressões corporais dos complexos podem ser vistas nos gestos, tensões, comportamentos autônomos e até mesmo através de doenças psicossomáticas.

Mesmo um complexo tendo sintomas a níveis mais psíquicos essa experiência passa e é sentida a partir de um corpo. Afinar a percepção e leitura corporal podem ser atributos importantes para entrar em contato com o inconsciente e dialogar com os complexos.

Outro conceito central na sua obra é o de individuação, sendo esse um processo de desenvolvimento psicológico que volta-se para a “realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é” (JUNG, 2014, p. 63). Esse conceito passa novamente pela relação com o corpo, porque a individuação pressupõe um corpo, se dá através desse, passa por nossos gestos, movimentos, ações e percepções.

O caminho de individuação envolve reconhecer nossos desejos e sombras, integrar e incluir as partes feridas e seus corpos, que muitas vezes permanecem na sombra da comunidade pessoal, coletiva e psicológica.

Para a Psicologia Analítica, os conteúdos inconscientes não estão ligados apenas a um campo pessoal, mas também a um campo coletivo (conjunto de padrões e imagens universais compartilhados por todas as culturas) denominado inconsciente coletivo. A linguagem inconsciente não é verbal, expressa-se através de imagens<sup>1</sup> e símbolos<sup>2</sup>. Dessa forma a compreensão simbólica, nessa abordagem, é essencial na medida em que vê o símbolo como um importante canal para a abertura de novos significados. O conceito de corpo simbólico refere-se à compreensão de que o corpo humano possui uma dimensão simbólica além da sua manifestação física.

Apesar da importância da perspectiva do corpo como simbólico, este artigo amplia paralelamente a importância do corpo físico nessa relação, por vezes distanciado. Oliveira (2019) coloca que a perspectiva do corpo simbólico é um tema frequente na Psicologia Analítica. Mas ressalta que mesmo tendo em vista que corpo-psique fazem parte de uma só unidade, as falas sobre esse tema parecem se aproximar mais de um símbolo ou imagem simbólica e se desgrudarem do corpo físico, trazendo a necessidade de maior precisão na linguagem, da aproximação da experiência do corpo.

Em A natureza da psique, Jung (2000) coloca que são raros os que são capazes de expressar seu inconsciente através do movimento. Mas será que realmente a maior parte das pessoas não é capaz de expressar seu inconsciente através do corpo, ou estamos tão afastados dessa ótica que deixamos adormecida a capacidade de expressar? Não seria essa incapacidade de expressar através do corpo limitada por uma construção histórica e cultural que nos afastou e afasta do corpo?

Há historicamente várias fragmentações da relação psique-corpo, um dualismo que contribuiu para a fragmentação da experiência humana e para a negação dos aspectos corporais como fonte de conhecimento e expressão. Essa pluralidade de crises que acometeram os corpos não se especifica em um período histórico em particular, aproxima-se mais de uma característica que engloba todo o jogo de forças que estabelecem nossa cultura e modelam a produção do conhecimento ocidental. A definição do ser é um ponto de grande debate da filosofia ocidental, atravessando milênios na tentativa de estabelecer o que compõe o chamado ser humano. Foram considerados ao longo da história diferentes atributos na constituição do ser: ora a alma, ora a matéria, ora a mística, ora o espírito, ora os elementos da natureza, ora a razão. A forma como o corpo foi visto em diferentes momentos históricos

---

<sup>1</sup> Para a Psicologia Analítica, a imagem não é apenas uma representação visual, resultado da percepção sensorial, da atividade mnemônica ou da transferência da energia psíquica, mas a linguagem básica da psique, criativa e autogeradora em si mesma (SANT'ANNA, 2005).

<sup>2</sup> O símbolo são produtos naturais e espontâneos que significam mais que seu significado imediato e óbvio. “O símbolo, pressupõe que a expressão escolhida seja a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido, mas cuja existência é conhecida ou postulada” (JUNG, 2019, p. 486)

acompanha redimensionamentos e redefinições do ser que resultam de interação de múltiplas instâncias: religião, economia, política, cultura etc. (OLIVEIRA, 2017).

Descrevem-se aqui alguns debates filosóficos ocidentais que influenciaram a noção de corpo a fim de contextualizar a relação atual psique-corpo, ressaltando que necessitaria de uma obra mais extensa apenas para descrever a relação com o corpo nos diversos momentos da história.

Platão (427-327 a.C) já trazia a supremacia da alma em relação ao corpo. A alma para ele era vista como princípio de movimento para o conhecimento das coisas verdadeiras que se encontram no mundo das ideias. O corpo em contraponto era considerado uma prisão da alma e uma fonte de ilusões. A compatibilidade desse dualismo segue-se na filosofia cristã, separando o corpo e alma, relegando o corpo a um papel inferior e associando a virtude e a salvação ao espírito.

A concepção cartesiana proposta pelo matemático, físico e filósofo, René Descartes se tornou gradualmente o principal paradigma entre muitas das esferas acadêmicas desde a consolidação do método científico. Concebeu-se e se tornou parte do que se define o paradigma vigente durante a chamada Idade Moderna. A consolidação desse método colocou o corpo e a natureza numa concepção de máquinas, regidos pelas leis da matemática, e uma visão da natureza passível de controle. Por outro lado, a mente, as emoções e a cultura foram dissociadas desse domínio mecânico, consideradas livres para serem exploradas e controladas. Essa concepção foi o ponto de partida da revolução científica que proporcionou um avanço extraordinário da tecnologia, mas ao mesmo tempo não foi capaz de se fazer acompanhar por uma evolução correspondente em termos humanos (PORDEUS *et al*, 2020).

Em contrapartida a esse crescente e ainda influente paradigma do “mundo mecânico”, o pensamento do filósofo Baruch Spinoza, contemporâneo de Descartes, traz elementos que conversam com o determinismo mecânico e elementos subjetivos da experiência humana: estes não podem ser analisados de forma isolada e por métodos universais, mas sim por relações dinâmicas entre diferentes elementos indissociáveis, o que dialoga com a visão sendo apresentada neste artigo e a corrobora.

## 2. O corpo no processo terapêutico

O corpo é um elemento relacional que está constantemente em interação com todas as esferas da vida, sejam elas tangíveis ou intangíveis, concretas ou abstratas. Compreender que somos mais do que meros portadores ou habitantes de um corpo e permitir-se sentir plenamente essa corporalidade é um desafio constante ao longo de toda a vida. O corpo é aquilo que deixa uma trajetória dinâmica, e ainda por meio da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis ao mundo que nos cerca (OLIVEIRA, 2019).

No processo psicoterapêutico o corpo está presente de diversas formas: através da presença no espaço e tempo específico (posição que ocupa no ambiente, na relação com temperatura, luminosidade, ventilação, cheiros, sons...) nas percepções, sensações, processamentos e simbolizações dessa experiência e ainda na relação com o corpo do psicoterapeuta. Além disso, a memória de todas as histórias por ele vividas e em especial as que serão relatadas durante a sessão e as correlações existentes. O corpo do analisando comunica por meio da escuta, do olhar, dos gestos, da respiração, das imagens, das emoções, do movimento, da expressão, da fala.

Embora a vida e as referências passem por esse corpo, muitas vezes ele não é levado em consideração, tanto no âmbito pessoal quanto no processo psicoterapêutico. Apesar de não haver terapia sem o corpo – afinal o analisando leva o seu próprio corpo físico para o setting terapêutico e fala a partir deste –, há um distanciamento que nos impede de falar a sua própria linguagem. Ao utilizar as informações trazidas por ele, inclui-se o próprio corpo como uma ferramenta terapêutica, dirigindo-se para um trabalho mais integral, que considere corpo e psique como via de mão dupla, onde não existe um só caminho no qual a psique poderia afetar o corpo, mas o contrário também.

Seixas (2015) descreve que a forma como o corpo é envolvido no processo psicoterapêutico varia de acordo com a compreensão que o terapeuta possui do corpo ou a ele atribui, tanto em relação ao seu próprio quanto ao do paciente. Oliveira (2019) vai ao encontro desse pensamento ao descrever que psicólogos clínicos que realizaram como forma de treinamento a prática do Movimento Autêntico, aprimoraram a capacidade de acolher conteúdos simbólicos inconscientes que emergem, fortalecendo a habilidade de autoconhecimento e autorreflexão, o que contribui para a compreensão das experiências somáticas. A compreensão verbal e não verbal é gerada na experiência do corpo. Quando o analista possui consciência corporal e percebe o corpo como um corpo sensível, ele se torna capaz de ser afetado não apenas pelo discurso verbal do analisando, mas também pela sua gestualidade, emoções e até mesmo pelo inconsciente, abarcando o corpo como um todo, pela relação que se processa explícita ou implicitamente entre os corpos, quer seja via consciente ou inconsciente.

Mesmo um analista não se limitando a um trabalho de caráter cognitivo na perspectiva da Psicologia Analítica, levando em consideração o material inconsciente, coletivo e simbólico que emerge, a desconsideração de um corpo sensível e sua linguagem deixará de lado uma perspectiva de expressão, assim como a possibilidade de uma ferramenta para o trabalho terapêutico.

A linguagem corporal não se dá através de palavras, mas através de sensações e movimentos. O aprendizado de tal linguagem pode se dar trazendo atenção e espaço ao

corpo, às percepções, sensações, dando liberdade a movimentos, conversando e entendendo seu simbólico.

A Psicologia Analítica fornece fundamentos que viabilizam a inclusão do trabalho somático, tanto que foi base para o desenvolvimento de várias atuações que envolvem o corpo. As possibilidades de inclusão do corpo no espaço terapêutico são múltiplas, podendo incluir a ampliação da percepção, expressão, experimentação, improvisação, organização ou mobilização de uma experiência através do movimento corporal, canalização de material inconsciente. A inclusão do trabalho corporal pode ter interlocução com técnicas de outras práticas como: a calatonia, a somaterapia, a dança, o método Feldenkrais, a eutonia, entre outros.

É importante ressaltar, entretanto, que nem todas as práticas corporais se propõem e conduzem a essa ligação entre o mundo interno e externo. Várias práticas corporais podem levar a um bem-estar físico e mental, sem terem por fim o propósito de ampliação e diálogo entre consciente e inconsciente.

Quanto à inserção somática como caminho de autopercepção, há possibilidade tanto de explorar e ampliar a nível mais físico, como incentivar o analisando a ampliar sua linguagem corporal e analisá-la simbolicamente, como se analisássemos um sonho. Alguns analisandos podem não conseguir ter uma percepção clara de si mesmos, tanto a nível psíquico como corporal. Trazer a atenção para a percepção corporal: a respiração, o tônus muscular, compreender onde estão as tensões, se é possível soltá-las, como me posiciono, me movo, as sensações e sentimentos vindas dessas experiências e com o que se correlacionam, podem ser interessantes ferramentas de trabalho.

Se a inclusão do corpo se der pela ampliação simbólica, é importante frisar que o objetivo não é encontrar uma resposta absoluta ou causal como se fosse possível construir um dicionário estático, como: problema na garganta igual dificuldade de comunicar. Isso não é um símbolo; o símbolo expressa exatamente o oposto, ampara o desconhecido, a polaridade, teses e antíteses, de modo que, em última análise, as forças e tensões dos opostos entrem em um canal comum (OLIVEIRA, 2019).

A presença somática na clínica pode se dar através das imagens que o analisando traz em relação a seu corpo, interações e significados desse com o mundo. Que histórias e sensações passam, por exemplo, pelo corpo de uma mulher, de uma mãe, de uma pessoa negra, de um corpo gordo, com deficiência, magro, transgênero? Cada um desses exemplos poderia ser discutido tanto pela ótica individual como coletiva a partir de uma característica corporal que impacta a experiência de vida, pelas significações culturais, sociais e históricas e individuais que carregam.

A interação do corpo com o mundo é outro ponto de diálogo. Como se interagiu, por exemplo, num momento pandêmico, no qual se teve a experiência da limitação de circulação,

de toque, de interação física com outras pessoas? Como se estabelecem as novas relações de trabalho e interações sociais cada vez mais realizadas de forma online?

Cada uma das facetas acima descritas ressaltam a presença do corpo e a necessidade de sensibilização para o acolhimento de diferentes corpos, assim como a interação desses com o mundo, a fim de não reproduzir práticas terapêuticas segregadoras.

O movimento corporal no espaço terapêutico pode ser uma estratégia de expressar-se para além da comunicação verbal, uma ferramenta de exteriorização ou processamento de estados internos; uma possibilidade de comunicar através do ritmo e da ação simbólica, trazer o conflito emocional subjetivo para uma forma física. Dentro desse aspecto, pode-se trazer como exemplo a canalização da sensação de raiva para expressão dela através de movimentos livres, ou mesmo a condução de um trabalho de imaginação ativa no qual se proponha ao analisando a movimentação/soltura dos braços sobre almofadas como se nelas expressando seu sentir.

Brito *et al* (2021) ao discutir o corpo em movimento com propósito terapêutico, aponta diversas práticas (dança-movimento terapia, danças terapêuticas, biodanza, dança contemporânea e educação somática) que se constituem a partir de experimentações que favorecem a ampliação da consciência do corpo, da expressividade e da capacidade de improvisação como meios para a desconstrução de hábitos perceptivos cristalizados, criando condições para a renovação da relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo. Destaca tais práticas como possibilidade de expressar conteúdos e mecanismos inconscientes, de natureza física ou psíquica. Tais práticas têm como base a compreensão da relação entre o corpo e a subjetividade como um processo de construção mútua, ocorrendo nos fluxos que moldam nossa experiência de vida. De forma que nos diálogos com vertentes do pensamento clínico-terapêutico não se estabelece uma relação de subordinação aos saberes médicos e psicológicos.

A liberdade de criação tem um papel fundamental dentro de práticas para acessar e expressar material inconsciente. A experiência de improvisar propõe a busca de novos caminhos na relação entre o corpo, o espaço e outros corpos. Surgem novas possibilidades de soluções a partir da experiência e da integração de ações, percepções e sentimentos.

A liberdade de improvisação se faz ainda mais importante em trabalhos que se proponham a ir ainda mais fundo do que o nível expressivo, onde o movimento não é só uma forma de expressar uma imagem através do corpo; ao invés disso o movimento é resultado da própria mobilização da imagem no corpo. Para chegar nesse ponto a pessoa precisa ter abertura ao desconhecido, confiar o bastante para que os impulsos somáticos momentaneamente assumam o controle do que emerge. Para que o corpo se torne a imagem inconsciente (MONTE, 2019).

A inclusão da perspectiva somática na abordagem analítica não possui uma metodologia específica, uma receita de bolo, é singular a cada pessoa e a cada momento. Qual técnica usar, em que momento, vai depender do repertório do terapeuta, das necessidades que afloram, da abertura do analisando. Mesmo não havendo uma metodologia específica e universal a ser aplicada em todos os casos, Nise da Silveira nos traz importantes características do cenário necessário para uma efetividade terapêutica que podem ser aplicados para além do trabalho com as artes plásticas, sendo válidos para a exploração somática como ferramenta terapêutica.

Um ambiente terapêutico adequado deve proporcionar uma prática da livre criação e expressão, um ambiente de espontaneidade, acolhedor e livre, evitando intervenções diretas na expressão. É através deste ambiente catalisador que emergem imagens inconscientes, afetos-imagens (SILVEIRA, 1992).

O afastamento do julgamento estético foi outro ponto ressaltado por ela, visto que seus trabalhos estavam pautados na expressão e canalização de material inconsciente e não em seu resultado como obra de arte. Detalhes como a organização do material, espaço adequado para criação e privacidade entre os participantes faziam parte do contexto proposto por ela. Cita ainda a necessidade de atenção às intervenções que serão realizadas (Críticas, elogios, instruções) para que não acabem reprimindo ou direcionando a expressão do participante.

Tais orientações são bases para nortear trabalhos para além dos desenvolvidos com artes plásticas. No desenvolvimento de trabalhos corporais há o mesmo intuito de canalização da problemática afetiva, da livre expressão, do corpo como canal de expressão de material inconsciente. O movimento não deve ter preocupação com o belo, com a construção convencional. Precisa de um ambiente em que consiga movimentar-se sem preocupação, seja de colidir com algo ou com alguém, sem o julgamento externo ou mesmo pessoal de seu movimento. Um ambiente protegido que permita comunicar corporalmente emoções e ideias que talvez não poderiam ser expressas em palavras.

Os gestos e os movimentos rítmicos constituem uma linguagem para expressar o que vem do fundo do inconsciente. Mesmo antes da palavra como meio de comunicação, do domínio do fogo, criação de ferramentas, de formas complexas de organização social e da linguagem escrita, o ser humano já desenvolvia manifestações corporais como gestos e danças para exprimir imagens da experiência da vida (alegria, tristeza, amor, nascimento, morte). Essas manifestações ritualísticas iniciais foram e são constantemente resignificadas em novas formas de símbolos, imagens, representações, abstrações, linguagens, mitologias, culturas, narrativas. Através de movimentos rítmicos é possível criar e integrar representações originadas nos sonhos e na imaginação, relacionar-se com imagens arquetípicas<sup>3</sup>. Interagir,

---

<sup>3</sup> “O arquétipo funciona como um nódulo de concentração de energia psíquica. Quando esta energia, em estado potencial, atualiza-se, toma forma, então teremos a imagem arquetípica. Não poderemos denominar esta imagem de arquétipo, pois o arquétipo é unicamente uma virtualidade” (SILVEIRA, 19



processar, organizar a relação com o mundo exterior ao mesmo tempo que entra em contato com o mais profundo do seu ser (SILVEIRA, 1992).

## **Conclusão**

A Psicologia Analítica contempla na sua teoria corpo e psique como unidades interdependentes e relacionais; nos diversos conceitos desenvolvidos por Jung a relação com a perspectiva corporal se faz presente. Apesar de Jung não ter focado sua obra para a perspectiva corporal, essa dá subsídios a outras técnicas que englobam o corpo. Historicamente há uma pluralidade de crises que contribuem para uma fragmentação da relação corpo psique, colocando o corpo num local de inferioridade. A compreensão dada pelo terapeuta a seu próprio corpo e ao do analisando são pontos fundamentais para a presença dessa perspectiva.

As possibilidades de inclusão do corpo na clínica são múltiplas, podendo se fazer presentes através de trabalhos em nível simbólico, expressivo ou mobilização de material inconsciente. Não há uma fórmula fechada, o trabalho somático é singular a cada pessoa e a cada momento, sendo os indicativos deixados por Nise da Silveira importantes subsídios para pensar no ambiente necessário a fim de desenvolver um trabalho expressivo do corpo na abordagem analítica.

## **REFERÊNCIAS**

BRITO, R. M. M.; GERMANO, I. M. P.; SEVERO JUNIOR, R. Dança e movimento como processos terapêuticos: contextualização histórica e comparação entre diferentes vertentes. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.28, n.1, jan.-mar. 2021, p.147-165.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. In **Obras Completas**. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. In **Obras Completas**. Petrópolis: Vozes, 2019.

MONTE, C. O corpo e o movimento em análise. *In: STEIN, Murray. Psicanálise Junguiana.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. cap.14 p. 308-321.

OLIVEIRA, D. P. C. **Sobre aquilo que um dia chamaram corpo: corporalidade nas ambiências digitais.** 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, M. C. **O corpo do psicoterapeuta na prática clínica: uma pesquisa em Psicologia Analítica com contribuições do Movimento Autêntico.** 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - PUCSP, São Paulo, 2019.

PORDEUS, V. *et al.* A medicina de Nise da Silveira como demonstração da teoria de Baruch de Spinoza na experiência de dez anos do Teatro de Dyonises. *In: Spinoza, filosofia & liberdade.* Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020. p. 153-161.

SANT'ANNA, P. A. Uma contribuição para a discussão sobre as imagens psíquicas no contexto da psicologia analítica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 15-44, set. 2005. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772005000300003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772005000300003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 jul. 2023.

SEIXAS, L. M. P. O corpo simbólico e a psicoterapia. **Jung e corpo**, v.15, n.1, p. 7-16, set. 2015

SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra / Nise da Silveira. 7º ed.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SILVEIRA, N. **O mundo das imagens.** 1ºed. São Paulo: Ática, 1992.